

# “O ciclo da renegociação vai até 87”

por Milton Coelho da Graça  
de Nova York

Para William Rhodes, presidente do comitê dos bancos credores, o governo brasileiro deve ser parabenizado pela conclusão da renegociação de sua dívida externa, cujos quatro projetos somam US\$ 28 bilhões, “o maior ‘pacote’ já assinado num só dia”. Para o ministro Ernane Galvães, da Fazenda, o governo brasileiro tem grande “satisfação e gratidão” pelo “grande exemplo de cooperação internacional resumido na cerimônia simples desta sala”.

Os discursos de Rhodes e de Galvães na cerimônia de assinatura do “pacote” da segunda renegociação, sexta-feira de manhã, no hotel The Pierre, em Nova York, exatamente onze meses e dois dias depois da primeira, são reveladores da admiração mútua dos negociadores e da confiança que os dois lados têm no sucesso dos contratos e cartas assinados ontem. À imprensa, Galvães disse que o Brasil encerrará em 1987, ou antes, o ciclo de renegociação da dívida externa.

Todos os outros protagonistas já estavam no Salão Wedgwood quando o ministro do Planejamento, Delfim Netto, chegou, às 9h52 de sexta-feira.

Assim que chegou, Delfim tomou posição na mesa com Galvães, Pastore e os três dirigentes do comitê assessor, além de Rhodes,

Leyghton, Coleman e Guy Huntrods.

Rhodes, em seu curto discurso, disse também que o empréstimo de US\$ 6,5 bilhões de dinheiro novo era o maior obtido até hoje por um país soberano no euro-mercado. “Alguns técnicos no verão passado, pensavam que nós nunca chegaríamos a alcançar nem mesmo US\$ 5 bilhões”, disse Rhodes. “O fato de que conseguimos isso demonstra a confiança da comunidade financeira internacional no programa econômico brasileiro.”

Galvães falou pouco também, mas em tom mais emocional do que Rhodes, afirmando que, embora sendo o maior devedor do mundo em termos absolutos, levando-se em consideração a população, a renda per capita e suas potencialidades, o Brasil deixa de ter essa condição. “Somos, isso sim”, disse o ministro, “um dos principais parceiros nesse jogo.”

Após os discursos, o ministro Delfim Netto retirou-se rapidamente, enquanto os outros continuaram dando esclarecimentos à imprensa e sendo fotografados. Guy Huntrods revelou que o pagamento inicial de US\$ 3 bilhões será dividido em três parcelas, a primeira das quais será desembolsada dentro de “duas ou três semanas”, com intervalos de uma semana para as outras duas. A razão disso, segundo explicou o dirigente do Lloyds, e mais tarde Galvães confirmou, é

evitar uma subida das taxas com o impacto no mercado que teria a súbita entrada de US\$ 3 bilhões.

O comunicado distri-  
buído à imprensa confirma as condições já anunciadas dos projetos 1 e 2: nove anos para pagar, com cinco de carência e juros de 2% acima da taxa interbancária de Londres (Libor) ou 1,75% acima da “prime rate” americana (taxa para clientes preferenciais). Na primeira renegociação, o prazo era de oito anos, com dois anos e meio de carência e juros de 2,125% acima da Libor ou 1,875% acima da “prime rate”.

Os agentes dos quatro projetos continuam a ser o Morgan Guaranty Trust (projeto 1, “jumbo”), o Citibank (projeto 2, rolagem da dívida), Chase Manhattan (projeto 3, créditos comerciais) e Bankers Trust (projeto 4, linhas de crédito interbancário).

Depois da cerimônia, começou o trabalho de assinatura dos contratos pelos banqueiros no grande salão de baile do hotel The Pierre, o mesmo local em que Henry Kissinger comemorou com um jantar o seu mais recente aniversário e a rainha da Dinamarca ofereceu um baile durante sua visita aos Estados Unidos.

No enorme salão de cerca de 400 metros quadrados, quatro grandes mesas foram colocadas, cada uma delas com os contratos referentes a cada projeto (ou

(Continua na página 12)